

A NOÇÃO DE PESSOA NA ÁFRICA NEGRA

Amadou Hampaté Bâ

Amadou Hampaté Bâ. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: HAMPATÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). **La notion de personne en Afrique Noire**. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvin Ferreira Medeiros.

A. Introdução à questão; definição de pessoa.

Eu me abstenho de ceder às armadilhas dos modelos padronizados. É por isso que eu não pretendo apresentar aqui uma noção de pessoa que valha para toda África Negra, mas sim limitada às tradições malianas, e nomeadamente àquelas das etnias *fula* e *bambara*.

O que é a pessoa?

Os Fula e os Bambara possuem dois termos próprios para designar a pessoa. São eles:

a) *neddo* e *neddaaku*.

b) *maa* et *maaya*.

A primeira palavra de cada um desses quatro termos acima significa “pessoa” e a segunda “as pessoas da pessoa”.

Por que “as pessoas”?

A tradição ensina, com efeito, que há primeiro *maa*: pessoa receptáculo, e *maaya*: diversos aspectos de *maa* contidos na *maa* receptáculo.

A expressão de língua bambara “*maa ka maaya ka ca a yere kono*” significa: “As pessoas da pessoa são múltiplas na pessoa”.

A mesma ideia é encontrada entre os Fula. Eu cito a este propósito uma anedota que ilustra bem este fato: minha própria mãe, cada vez que desejava falar comigo, primeiro fazia vir minha mulher ou minha irmã, e lhes dizia: “Eu desejo falar com meu filho Amadou, mas eu gostaria, antes, saber qual dos Amadou que o habita está presente neste momento”.

De imediato, podemos ver, então, que se trata de uma noção muito complexa, que comporta uma multiplicidade interior, de planos de existência diferentes ou sobrepostos, e uma dinâmica constante.

B. Existência

O *maa* pode ser considerado como o receptáculo visível e palpável que serve de invólucro e suporte a outros aspectos, mais sutis, da pessoa humana.

Este ser é, ao mesmo tempo, simples e múltiplo. Ele comporta elementos físicos, psíquicos e espirituais. Aquilo que se mostra mais fácil de compreender é a existência física. Ela vai desde a concepção da criança, *lasiri*, à sua mudança de lugar, *somayelemma* - dito de outro modo, sua morte.

a) Concepção.

A existência física que inicia com a concepção é precedida de uma preexistência cósmica. Neste estado, o homem é suposto viver num reino de amor e de harmonia, chamado *benke-so*.

benke se tornou a palavra que serve para designar o tio materno.

Não será permitido supor que o papel sagrado e muito preponderante atribuído ao tio na vida da criança, e toda a lei matriarcal, remonta sua origem a esta concepção?

Com efeito, o tio simboliza a força masculina presente na força maternal, que é feminina. Isto em virtude de uma lei tradicional que deseja que o masculino e o feminino sejam inseparáveis. Eles se encontram ao mesmo tempo na mulher e no homem. Desse modo, a tia paterna é considerada como a imagem da força feminina que assenta presente na força paternal masculina.

b) O nascimento.

O papel da mãe na procriação, e depois do nascimento, é muito maior, na tradição africana, que aquele do pai.

A mãe, depois de ter desenvolvido a criança dentro de seu útero durante nove meses, continua a cuidá-la, tradicionalmente, durante vinte e quatro meses.

Assim, somente após trinta e três meses de existência que a criança deixa de precisar de sua mãe para se alimentar e pode fazê-lo diretamente sem tomar qualquer complemento vindo dela.

Outrora, a criança *bambara* não era desmamada antes dos dois anos. A puérpera permanecia proibida a seu marido durante todo o período de aleitamento.

A vinda de uma criança ao mundo é um acontecimento grave. Existem três tipos de nascimento:

- 1 - o *ji-bon* (“água versada”): aborto,
- 2 - *banngi* (parto): nascimento no prazo,
- 3 - *menkono*, ou *nyanguan* (parto tardio): nascimento depois do prazo.

1. - O parto *ji-bon* é maléfico. Ele revela que espíritos maus, no momento da copulação, conseguiram penetrar na vagina da mãe e deformar o molde do útero. A mulher é então submetida a um exorcismo especial que inclui ritos e curas, com vista a deixar as coisas no lugar. Este tratamento pode incluir um isolamento total da doente.

2. - O parto *bangi* é um acontecimento feliz, não somente para os pais do recém-nascido mas para sua vila, sua tribo, país e, numa perspectiva mais vasta, a humanidade toda.

O nascimento de uma criança é a prova palpável que uma parcela da existência anônima é destacada e encarnada com vista a cumprir uma missão sobre nossa Terra.

O batismo é uma cerimônia no decurso do qual dão um *togo* (nome) ao recém-nascido. O *togo* define o pequeno indivíduo. Ele o situa dentro da grande comunidade. É por isso que sua atribuição é consagrada por um rito especial chamado *keun-di* (raspagem da cabeça).

3. - O parto *menkono* prenuncia o nascimento de um ser extraordinário: o *nyanguan* (supra-feiticeiro).

A criança *menkono* vem ao mundo investida de um poderoso potencial. A tradição exige que tomemos precauções para orientar o caminho do *menkono-nyanguan*. Os rituais de prece, os banhos e os cuidados sagrados devem ser administrados ao fim que seu ser profundo não se adentre nos turbilhões nefastos que criam os grandes gênios do mal.

Depois destas rápidas palavras sobre a concepção e os três tipos de nascimento, sucintamente falarei do desenvolvimento.

c) Desenvolvimento.

O desenvolvimento físico se realiza segundo os grandes períodos do crescimento do corpo, sendo que cada um corresponde a um grau de iniciação.

A iniciação tem o propósito de dar à pessoa física um poder moral e mental que condiciona e ajuda a realização perfeita e total do indivíduo.

A vida física da pessoa compreende 18 fases, sendo 9 ascendentes e 9 descendentes. Cada uma dessas fases compreende 7 períodos de um ano.

A primeira fase se estende do nascimento aos 7 anos. É a pequena infância, período em que a pessoa em formação requer a maior quantidade de cuidados possível. A mãe é o grande agente dessa época fundamental.

Nessa idade, a criança depende totalmente de sua mãe. Ela é, a seus olhos, a maior força e o ser mais instruído do mundo. A criança se refere apenas a ela. Ela é seu critério, seu refúgio, sua instrutora, seu tudo ao mesmo tempo.

Nesta fase de sua vida, a criança é, como uma pedaço de argila, moldável à vontade.

A criança restará durante muito tempo sob a influência e sobre o caminho traçado por sua mãe.

Por esta razão, o ditado maliano nos diz: “Tudo isso que nós somos e tudo isso que nós temos, nós o devemos uma vez a nosso pai, mas duas vezes à nossa mãe”.

A segunda fase vai dos 8 aos 14 anos

A terceira dos 15 aos 21 anos

A quarta dos 22 aos 28 anos

A quinta dos 29 aos 35 anos

A sexta dos 36 aos 42 anos

A sétima dos 43 aos 49 anos

A oitava dos 50 aos 56 anos

A nona dos 57 aos 63 anos.

Aqui acaba o período ascendente. O homem, dessa idade, atinge o ponto culminante de sua vida. É o zênite do céu de sua vida. Ele começa então a fase descendente, que se efetua em 9 períodos paralelos aos 9 enumerados acima.

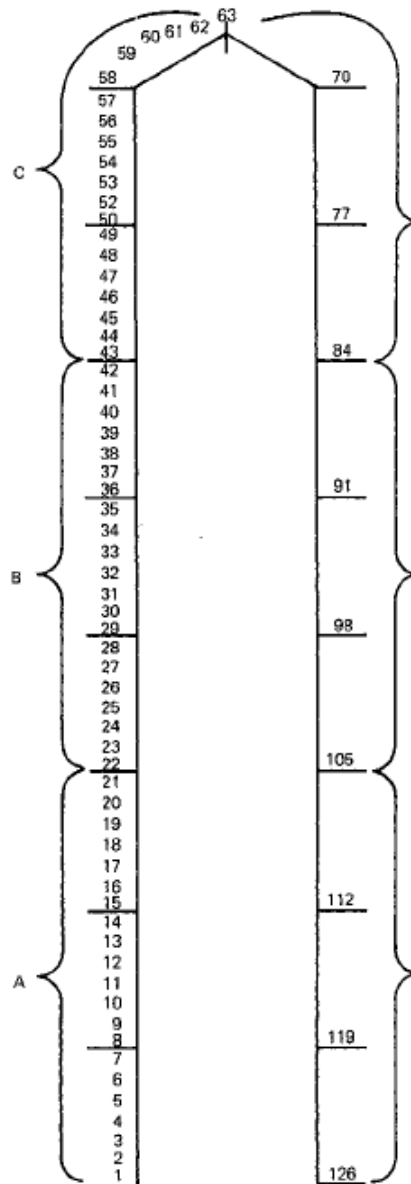
O esquema a seguir, feito por Tierno Bokar, o sábio de Bandiagara, explicita melhor as fases ascendentes e descendentes da vida do homem: o período ascendente de 63 anos é subdividido em três fases de 21 anos cada. Ele constitui o período de desenvolvimento das forças física e psíquicas da pessoa. A partir dessa idade, o homem inicia seu declínio, e assistimos à uma diminuição progressiva de suas forças físicas e psíquicas (ver o esquema da página a seguir).

Claro, este esquema não é imperativo. Um homem pode morrer em qualquer estágio de sua vida. Mas se ele vivesse até os 126 anos - ou mais! - a regra geral faria com que ele regressasse à infância do espírito e à fragilidade do corpo.

C. O que é a pessoa?

Trata-se de uma unidade monolítica, limitada ao corpo físico, ou de uma multiplicidade em agitação permanente nas tendências psíquicas que a habitam? É ela estática ou evolutiva, ou seja, realizada ou potencial?

Decorre do foi exposto que, segundo as tradições consideradas, o ser humano não é uma unidade monolítica, limitada a seu corpo físico, mas sim um ser complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Ele não se trata, portanto, de um ser estático, ou concluído. A pessoa humana, como a semente, evolui a partir de um capital primeiro, que é seu próprio potencial e que vai se desenvolvendo ao longo da fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas. As forças liberadas por esta potencialidade estão em perpétuo movimento, assim como o próprio cosmos.



Esquema das etapas da vida humana, de acordo com Tierno Bokar.

D

Uma vez que a pessoa é composta em primeiro lugar de um corpo físico, qual é o papel, a significação e o simbolismo deste corpo físico?

O corpo físico, de que a pessoa é dotada, tem um outro papel além de sua função vegetativa?

A tradição considera o corpo humano como uma reprodução em miniatura da terra e, por extensão, do mundo inteiro.

Levaria muito tempo para entrar em detalhes sobre as analogias que a tradição estabeleceu entre o corpo do ser humano e a terra, considerada como mãe e cuidadora dos animais, plantas e minerais.

A tradição considera simbolicamente o céu como o pai, o agente masculino portando em si a água da vida, e a terra como mãe, dotada de uma matriz fecundável.

Quanto ao corpo do ser humano, a tradição o considera como um pequeno edifício, miniatura de *dinya*, o mundo, que, em si, é imensamente infinito. Daí a expressão “*maa ye dinya meremin de ye*” (O homem é o universo menor).

Na tradição bambara, *Maa-nala* (Deus-Mestre), se autocriou, depois criou vinte seres: ele se deu conta que nenhuma, dentre as vinte primeiras criaturas, estava apta para se tornar seu interlocutor, *kuma-nyon*. Então ele retirou “uma porção” de cada um dos seres existentes, que constituíam a totalidade do universo. E misturou tudo. Ele serviu-se disto para criar um vigésimo segundo ser híbrido, o ser humano, ao qual deu o nome de *maa* – ou seja, a primeira palavra que compõe seu próprio nome divino.

Maa, o ser “tudo em um”, não podia ser contido por qualquer invólucro. Também *Maa-nala* concebeu um corpo especial, capaz de conter ao mesmo tempo uma porção de todos os seres existentes.

Este corpo, chamado de *tari*, foi ajustado de maneira vertical e simétrica. Ele simboliza um santuário onde todos os seres se encontram em inter-relações.

Maa, lugar de encontro de todas as forças do universo, investido do nome de Deus – portanto participante dele – mas igualmente constituído de elementos mais densos, tem então por vocação essencial ser “o interlocutor” de *Maa-nala*. Mas se ele pode se tornar um ser essencialmente religioso e adorador, e assim encontrar o caminho de sua vocação primária, ele é igualmente capaz de amar ou de odiar com uma paixão muito grande, pois tudo está nele.

Quanto ao simbolismo do corpo, eu não pude tratar aqui por inteiro, mas darei algumas indicações rápidas relativas à cabeça.

A cabeça representa o nível superior do ser. Este nível é perfurado por sete grandes aberturas. Cada uma delas corresponde a uma entrada de sete estados de ser, ou mundos.

O rosto é considerado como a fachada principal do habitat das pessoas “profundas” de *maa*. Os sinais exteriores permitem descobrir as possibilidades morais e psíquicas destas pessoas que habitam no interior de *maa*. Estes sinais são desenhados sobre o rosto, ou seja, sobre a fachada principal de sua residência.

i nye da yira nna

nki kana rnaaw kogo fo i ye

“mostre-me seu rosto, e eu te direi a maneira de ser de suas pessoas

interiores”

A testa, as sobrancelhas, os olhos, as orelhas, o nariz, a boca e o queixo exprimem, cada um à sua maneira, os sete seres que estão dentro de cada *maa*.

Cada ser corresponde a um mundo que gira em torno de um eixo ou ponto central.

E. Seu psiquismo.

Quais são as forças que habitam a pessoa e que estão em perpétuo movimento nela?

Se a constituição do corpo humano é uma obra-prima de arquitetura e de mecanismo, seu psiquismo é um conjunto complexo, de uma magnitude tal que o que é conhecido não é nada comparado ao que resta conhecer.

Para os tradicionalistas malianos, a expressão: *maa te don kaa ban*, “Não acabamos de conhecer a pessoa (*maa*)”, diz muito. Por que não acabamos de conhecer *maa*? Porque, como acabamos de indicar anteriormente, *maa* é “tudo em um”. Vimos que *Maa-nala* havia reunido nele um fragmento de cada um dos vinte primeiros seres que já existiam e que simbolizavam o conhecimento e as forças totais.

Estes seres tinham orelhas para ouvir e receber o conhecimento e a força emanante de *Maa-nala*, mas eles não tinham boca nem o amor para transmitir esse conhecimento a uma posteridade amada.

A grandeza de *maa* vem então do que foi a confluência de todas as forças cósmicas.

Ainda, pela virtude do nome divino de que foi investido, ele foi dotado do espírito, que lhe permitiu adquirir uma parcela da força suprema.

No entanto, seu drama e sua paixão haviam sido projetados nas correntes contraditórias dos grandes conflitos nascidos da dualidade das forças habitantes nele: harmonia cósmica e ruptura de equilíbrio, esperança inebriante e desespero deprimente, amor e ódio, amor da paz e surtos animais de violência, espiritualidade e materialidade, alegrias e tristezas, certezas apaziguadoras e a dúvidas agonizantes, etc.

A isto, se juntam os sentimentos contraditórios que aparecem ao contato de seus semelhantes: amor, amizade, desejos, ódio, aspirações morais, etc...

O todo em perpétuo movimento, dentro do universo escondido de *maa*.

A alma de *maa* e seu espírito são semelhantes ao elemento fogo. Este se acende, se inflama, brilha, ilumina e se apaga, sem que nós possamos dizer com certeza onde passou a chama, que reintegra seu "reservatório".

Da mesma forma, a alma e o espírito de *maa* deixa o corpo, mas isto não significa que eles estão "mortos".

Pela tradição Fula, não há equívoco quanto à imortalidade da alma - e de seu corolário, o espírito. Um ditado diz:

maayde timminta wonki
juutal balde hortinta hakkille
"A morte não esgota a alma,
A duração do tempo não retrai o espírito".

As forças ocultas que se movem em *maa* são, como nós vimos, múltiplas e variadas. Elas constituem os estados, ou pessoas psíquicas, emanante do espírito do próprio *maa*.

Este princípio imaterial e imortal não é um ser imaginário. Ele existe. Ele cria a imaginação (faculdade misteriosa e real que não deve ser confundida com os fantasmas do "imaginário"). Quando esta imaginação atinge um certo grau, *maa* torna-se capaz de visões. Ele entra em ligação com os espíritos que vivem fora dele, tal como gênios, gnomos, elfos, almas dos mortos, etc... Conforme a uma expressão de meu amigo Boubou Hama, ele "concretiza o abstrato", que toma para si imagem e forma.

O espírito de *maa* lhe permite conhecer, compreender, reforçar sua atenção, e, desenvolvendo suas aptidões, *maa* torna-se apto à julgar.

O ensino tradicional sempre preconizou a educação física e espiritual da criança, a fim de favorecer nela o aparecimento de aptidões fundamentais que fazem a grandeza *maa*, e de ajudá-la a encontrar seu equilíbrio nas forças que habitam nele e no mundo circundante.

Entre as escolas desse tipo, uma das maiores foi a escola dos *korojuba* (literalmente: grande tronco das coisas).

O conhecimento do universo, do ser humano físico e psíquico, constituía o ensinamento elevado ou "grande tronco das coisas". Este ensinamento de base era completado por um ensinamento sobre as plantas e os minerais.

A aplicação aos estudos era exigida com um grande rigor. Os maus alunos às vezes eram submetidos a castigos corporais, que seriam muito mal vistos em nossa época. Apesar destes castigos corporais, a escola *korojuba* não era uma escola austera. Pelo contrário, as relações entre os discípulos *korojuba* e a massa eram fundadas à base de um uso bem ousado de piadas.

Os *korojuba*, ainda mais do que os *tonjon* (cativos) aprendiam a maneira agradável de dizer as coisas usando trocadilhos. Os termos eram sempre vivos e muito engenhosos. Eles tinham o

direito tradicional para “botar na caixa” todo mundo, incluindo o rei. Eles eram bem humorado, mas jamais grosseiros.

Um desses *korojuba*, chamado Korojuba Nji, foi meu camarada de idade. Era um excelente pantomima e um grande artista na arte de imitar todos os sons possíveis: sons de objetos diverso e todos os gritos de animais. Contador de histórias sem igual, ele começava assim seus discursos: "Filho da minha mãe! Segure-se bem, porque você vai ver como o *maanin* (pequeno Deus) que eu sou, vai vencer o maior jogo criado por *Maa-nala*, e como eu vou tirar da grande caça sua parte mais volátil para alegrá-los bastante”.

Esta grande caça era a fala. Na verdade, *Maa-nala* não criou nada maior e mais operacional do que a fala. A fala é tão forte que, sem ela, não haveria nenhuma transmissão dos conhecimentos adquirido pelos ancestrais.

A fala, *kuma*, permite exteriorizar a genialidade dos grandes espíritos. É através dela que o pensamento elevado toma um belo corpo. Quaisquer que sejam a qualidade ou a aspereza de um espírito, se *kuma* não intervisse, ele passaria despercebido. É graças à *kuma* que o pensamento toma corpo e se torna linguagem.

A tradição Fula, de sua parte, ensina que existem 9 categorias de pessoas, em relação com as 9 aberturas simbólicas do corpo, os 9 ossos do crânio e os 9 número-mães fundamentais. Estas 9 categorias se subdividem em três partes, de três frações cada.

A parte superior corresponde aos sábios, aos seres superiores, elevados pela qualidade do seu ser e de sua inteligência. Estes são aqueles que *Gueno* (Deus) enviou e que se devotam para o bem dos humanos.

A parte média corresponde àqueles que chamamos de “pessoas” ou “humanos”. Eles se purificam de seus desejos e de suas ganâncias, aquelas do corpo como aquelas do coração. Eles seguem os ensinamentos e o exemplo dos sábios da parte superior. Tudo neles é medido.

A parte inferior corresponde aos patifes, sem fé nem lei, a todos aqueles que têm de humano somente a fala e não procuram elevá-la acima da classe dos animais.

Na origem, as três porções foram misturadas e, tornadas sementes, caíram na terra. Elas se interpenetraram e se misturaram tão bem, antes de cair na terra, que ninguém pode mais reintegrá-los na sua ordem original. Assim, o mundo é como um campo semeado de amendoins, feijões, cebolas e milho...

“Quem quer que você se torne, diz o ensinamento tradicional, você não sabe isso que é você. O espírito te será dado quando você souber diferenciar isso que foi misturado, depois jogado, e que brotou, dando nascimento às 9 grandes posições:

- um sábio (superior) entre os patifes (inferiores),
- um sábio (superior) entre as pessoas (medianas),
- um sábio (superior) entre os sábios (superiores).
- um humano (mediano) entre os patifes,
- um humano (mediano) entre os humanos como ele,
- um humano (mediano) entre os sábios.
- um patife (inferior) entre os patifes,
- um patife (inferior) entre os humanos,
- um patife (inferior) entre os sábios.

Você não saberá conhecer sua própria essência, diz-se, se você não sabe diferenciar as naturezas dos homens”.

E ainda: “Quando você for “acordado”, você saberá reconhecer cada ser humano, em qualquer grupo que se encontrem. Então você poderá compreender este mundo, e não estará mais em oposição com ninguém”.

F.

É o homem fechado sobre si mesmo, ou na relação com os mundos exteriores a ele: com os outros homens, com o mundo da natureza, com os mundos invisíveis.

Como pudemos perceber, a pessoa não está fechada, como uma caixa fechada. Ela se abre em várias direções, internas e externas.

Os diversos seres, ou estados, que estão nela, e que correspondem aos mundos que se erguem entre o homem e seu criador, estão relacionados entre si e com os mundos exteriores.

Em primeiro lugar, a pessoa está ligada a seus semelhantes. Não a concebemos isolada, independente. Da mesma maneira que a vida é unidade, a comunidade humana é uma e interdependente.

As relações humanas, codificadas, fizeram nascer um protocolo, um saber-viver, e geraram uma civilização social cujas regras são transmitidas de boca a boca e tomam corpo no teste da própria vida.

Sempre em virtude do profundo sentimento da unidade da vida, a pessoa humana não é cortada a partir do mundo natural que a rodeia e com o qual mantém relações de dependência e equilíbrio.

Se certas crenças acerca do mundo natural têm que ver com o medo ou com a ignorância, uma crença tradicional, baseada no ensinamento do próprio *Maa-nala* e legado pelos ancestrais, recebeu o nome de *bembaw-sira*.

O *bembaw-sira* determina o comportamento do homem perante todos os outros seres da “*dinye ni-ma yoro*”, ou seja, a parte viva/vital da terra.

A tradição divide a terra em duas zonas concêntricas. A primeira é chamada de *dugukolo fara*: casca do osso da Terra; o segundo é chamado de *duguma dolo*: o osso da Terra.

Os seres só podem viver em *dugukolo fara*, casca do osso da Terra. As forças localizadas no *Duguma kola*, o osso da terra, são desconhecidas pelos *maaw* (os seres humanos).

Em virtude ds regras estabelecidas por *bembaw sira*, ou crença tradicional, não podemos, por mera fantasia ou por mero desejo de “agitação”, cortar as plantas e árvores, cavar a terra, poluir águas, matar os animais, etc. Leis específicas determinam o comportamento de *maa* nessas áreas, leis que não pode violar sob pena de provocar, no do equilíbrio da natureza e das forças que estão por detrás, uma perturbação que se voltará contra ele.

A noção de unidade da vida é acompanhada pela noção fundamental de equilíbrio e câmbio, e *maa*, que contém em si um elemento de todas as coisas existentes, é o garante esse equilíbrio.

O homem aparece, no mundo, como o eixo chamado para evitar que a multiplicidade exterior caia no caos. Assim, a conduta de reis ou líderes religiosos, em conformidade ou não com a lei sagrada dos antepassados, dependerá da prosperidade do solo, do equilíbrio das forças da natureza etc.

G. Conclusão

Em razão da amplitude do assunto e da limitação de tempo reservada a esta apresentação, eu concluirei chamando atenção para o fato de que a tradição concebe a pessoa humana tanto como multiplicidade interior convocada a ordenar e a unificar, quanto a encontrar

seu lugar certo dentro das unidades mais vastas que são as comunidades humanas e o mundo vivente no seu conjunto.

Síntese do universo e cruzamento das forças da vida, o homem é assim convocado a tornar-se o ponto de equilíbrio onde, por meio dele, se podem reunir as diversas dimensões de que ele é portador. Então, ele realmente merece o nome de *maa*, interlocutor de *Maa-nala* e garante do equilíbrio da criação.